

## **MAR, O AMOR DO CAIÇARA** **Oliveira, Rosemary<sup>1</sup>, OLIVEIRA, Vânia B.<sup>1</sup>**

<sup>1</sup> UNIVAP, Universidade do Vale do Paraíba/FCA, Av. Shishima Hifumi, 2911.

**Resumo-** O mar encerra uma grande diversidade biológica, oferece as mais variadas opções de lazer e proporciona o sustento de milhões de pessoas, que vivem de atividades diretamente relacionadas à captura de pescado. Esse trabalho objetiva demonstrar que a maricultura é uma importante alternativa à pesca artesanal para a comunidade pesqueira de Caraguatatuba, litoral norte de São Paulo, devido ao crescente esgotamento dos recursos marinhos naturais. Foi constatada, através de observação e pesquisas documentais, a forma como o caiçara se relaciona com o ambiente que o cerca, suas relações comerciais com o mar e a sua inserção na sociedade, além das mudanças ocorridas nos últimos tempos, provocadas pela nova realidade do cenário pesqueiro. Há preocupação com o futuro dos pescadores artesanais, o que leva a comunidade e autoridades à busca de regulamentações ambientais que protejam o patrimônio biológico existente e fomentem novas atividades e sem prejuízo à identidade pesqueira da cidade. O resultado da pesquisa levou a produção de um livro-reportagem, intitulado “Mar, o amor do caiçara”, colocando em prática toda a técnica de reportagem e entrevista desenvolvida no curso de jornalismo.

**Palavras-chave:** Caiçara, maricultura, meio ambiente e livro-reportagem

**Área do Conhecimento:** VI Ciência Sociais Aplicadas

### **Introdução**

Localizada no litoral norte de São Paulo, Caraguatatuba é uma cidade de atividade comercial, turística e pesqueira. Conta com aproximadamente 3000 famílias que dependem direta ou indiretamente da pesca artesanal. Com 95.237 habitantes (IBGE – 2005) e 17 praias distribuídas ao longo de aproximadamente 40 km, entre o rio Juqueriquerê, na divisa com São Sebastião e o rio Tabatinga, divisa com Ubatuba, tem a identidade caiçara calcada na prática da pesca artesanal.

É conhecido como caiçara o nativo de cidades litorâneas, pois a palavra é originária do tupi-guarani *caá-içara*, homem do litoral. A tradição caiçara de pesca artesanal remonta a meados do século XX e se mantém ainda nos moldes herdados pelos portugueses e indígenas. Na década de 1950, a abertura de estradas de acesso ao litoral norte paulista trouxe urbanização e turismo (ADAMS, 2000, p.114).

Como consequência o caiçara passou a diversificar suas atividades, muitos deles trocando a rede de pesca por trabalhos mais rentáveis e estáveis.

Hoje a cidade possui duas comunidades genuinamente pesqueiras: a da Praia do Camaroeiro e a da Praia da Cocanha, sendo que a primeira é formada essencialmente por pescadores artesanais e a segunda por maricultores, focados na cultura do mexilhão *perna perna*.

Segundo a Colônia dos Pescadores Z-8 Benjamin Constant, Caraguatatuba conta com 30 famílias de pescadores exclusivamente artesanais e 120 pescadores profissionais. Tem credenciados, ainda, cerca de 600 profissionais

ligados à frota comercial. Os caiçaras começam a deixar os modos de pescas conhecidos como a pesca artesanal, que pode ser litorânea (junto à costa ou zona litorânea – praias, costões, estuários, lagoas) ou a costeira (não muito afastada da costa ou zona costeira por embarcações comuns, ao longo de praias e costões e ilhas costeiras), praticada por profissionais embarcados ou não para praticar a maricultura.

A maricultura é uma atividade ligada ao mar, com o fim último de gerar renda para aqueles que a praticam. O Grupo de Pesquisa em Genética e Aqüicultura, em publicação recente, assim define:

“A aqüicultura é um setor que tem crescido internacionalmente, apresentando-se como uma importante alternativa de inversão lucrativa de capitais, diversificação de produção e expansão da renda e do emprego. O cultivo de animais marinhos, conhecido como maricultura, é o subsetor da aqüicultura que apresenta maior potencial de crescimento em longo prazo. Dentro da maricultura já é pujante a atividade de cultivo de moluscos bivalves (em especial a mitilicultura, cultivo de mexilhões, a ostreicultura, cultivo de ostras e a pectinicultura, cultivo de vieiras) e de camarões (carnicicultura).” (Batalha, 2002, p. 12).

Com o crescente aumento da população e consequente baixa nos estoques marinhos naturais, cultivar animais é alternativa prática que, além de aumentar a oferta de moluscos ao público consumidor, serve também para preservar espécies e até despertar consciência de preservação ambiental, tanto das comunidades que têm maior contato com a realidade crua – os caiçaras, quanto daqueles que fazem da praia local de refúgio e descanso.

A preocupação com a produção de alimentos em quantidades adequadas ao crescimento populacional e a maricultura como solução alternativa foi estudada por Espínola (1980, p. 12) que considerou desde a crise do petróleo de 1973 ao percentual de aumento populacional e estimativas até 2078. Isto em 1980, quando o mercado maricultor no Brasil era ainda incipiente.

Entre os principais produtores de animais marinhos estão a França, Espanha, Estados Unidos, Canadá, Nova Zelândia, Tailândia, Holanda, Venezuela e Brasil. Este tem no estado de Santa Catarina o maior produtor do país, distribuindo sua produção no mercado interno e externo.

Os maricultores têm mostrado, com resultados econômico-sociais claros, que o mar também pode subsidiar atividade que não exclusivamente a de subsistência. Outra atividade é o cultivo de mexilhões pode ser bastante rentável, principalmente por ser aproveitado completamente, não se restringindo apenas à alimentação.

Alves (2005) considera o litoral norte ideal para a prática porque possui localidades pouco exploradas e “baías calmas de águas límpidas”. A ausência de poluição é também fator determinante de mexilhões saudáveis, pois eles são filtradores.

Espínola (1980) defende que “a mitilicultura, além de possibilitar uma nova fonte de emprego para as populações de baixa renda que vivem em condições de subsistência, é uma das melhores formas de se incentivar a aqüicultura, pela possibilidade de ser iniciada com investimentos relativamente baixos para o criador e com rápido retorno de capital.” (p. 29).

Assim, abordando toda esta questão e dando um plano geral da situação sócio-econômica da comunidade pesqueira caiçara e das mudanças ocorridas nos últimos tempos provocadas pela maricultura, além de atestar o crescimento da atividade como alternativa à sobrevivência das atividades ligadas à extração de pescado e mostrar o caminho da sustentabilidade, reforçar medidas preventivas, realizamos um livro reportagem com todo o material coletado.

### **Metodologia**

Com relação ao objeto de estudo, a escolha recaiu sobre os maricultores da Praia da Cocanha. Nesta mesma comunidade há ainda os pescadores que não se renderam à “modernidade” do cultivo em cativeiro e que enfrentam uma série de problemas advindos da escassez de pescado. Pode-se, desta forma, traçar paralelos interessantes que, além de enriquecerem o trabalho, reforçaram o objetivo primeiro da obra aqui proposta.

Das raras publicações científicas sobre o assunto, nada é especificamente direcionado à

cidade de Caraguatatuba. Do pouco material encontrado sobre a cidade, nada é específico à mitilicultura. Dada a escassez de informações já formalizadas, e o caráter humanitário que se pretende para a obra, grande parte deste trabalho foi desenvolvido através de observação simples e entrevistas informais com pescadores artesanais e maricultores.

Durante a fase de pesquisa exploratória verificou-se que simplesmente escrever um livro sobre maricultura e pesca artesanal poderia se tornar muito técnico, não atingindo ao objetivo proposto, o qual se resume em levar informações ao público juvenil (restudantes da rede pública de Caraguatatuba), sobre o que representa e representará as atividades para a cidade e, por conseguinte, para suas vidas. A maioria desses jovens não tem idéia da importância e dos reflexos da relação entre os dois pontos principais deste projeto – a maricultura e a pesca artesanal.

Dessa forma, a melhor solução encontrada foi buscar formatos de fazer uma contextualização consistente, pesquisando e descrevendo tudo o que cerca o caiçara, como o ambiente físico, a importância social com as tradições do grupo, a dimensão econômica das atividades na cidade, o papel do turismo ecológico e pesqueiro. Além disso, se considerou importante incluir também noções ambientais de preservação do meio, a partir da realidade que cerca o caiçara. Decidiu priorizar ambiente, sociedade e família, como pano de fundo para a questão econômica advinda da prática das atividades enfocadas. A construção dessa base se deu através de pesquisas bibliográfica e documental, com visitas à Biblioteca Pública de Caraguatatuba, ao Museu do Caiçara, ao Acervo Público Municipal, bem como pesquisas em jornais de circulação nacional e regional, via Internet. Dada a necessidade de descrição fiel do ambiente que cerca os pescadores e maricultores, de muita utilidade foi a sua observação na realização das tarefas diárias, no convívio com família e amigos, no contato comercial com turistas e moradores locais. A observação se deu aos finais de semana e, eventualmente em dias úteis, ao amanhecer e entardecer. Foram observadas e fotografadas as manifestações culturais e folclóricas, tanto as previamente ensaiadas, para as festas, como as que fazem parte da rotina, da qual sequer se dão conta. Segundo Gil (1999), utilizar entrevistas informais gera interação, assim notamos que os pescadores, ao perceberem a assiduidade com que eram observados, sempre se aproximavam. Gerou-se então através destas etapas um livro-reportagem-retrato, o qual “não focaliza uma figura humana, mas sim uma região geográfica, um setor da sociedade, um segmento da atividade econômica, procurando traçar o retrato do objeto em questão. Visa elucidar, sobretudo, seus

mecanismos de funcionamento, seus problemas, sua complexidade. É marcado na maioria das vezes, pelo interesse em prestar um serviço educativo, explicativo. Por isso, trabalha a metalinguagem, na troca em miúdos de um campo específico de saber para o grande público não especializado.” (LIMA, 2004, p. 53).

## Resultados

Segundo SQUARIS (2005), o livro reportagem é descendente direto do New Journalism, nascido nos Estados Unidos pelas mãos dos jornalistas Tom Wolfe, Truman Capote, Gay Talese e Norman Mailer, que abandonaram o clássico modelo de pirâmide invertida, em reportagem, colocando elementos literários nas notícias, deixando de priorizar o factual. O novo jornalismo desembarcou no Brasil nos anos 60, com a revista “Realidade” produzindo grandes reportagens em estilo literário. Nessa década o Jornal da Tarde também se aventurou no novo modelo, porém acabou cedendo ao velho esquema jornalístico que perdura até hoje nos jornais diários e na maioria das revistas de circulação nacional. O livro-reportagem mostrou-se, desde o início, a opção mais apropriada para o que se pretendia expor, dada a riqueza do tema e seus desdobramentos sociais, econômicos e até políticos. “De todas as formas de comunicação jornalística, a reportagem, especialmente em livro, é a que mais se apropria do fazer literário.” (LIMA, 2004, p. 173).

Utilizar a linguagem adequada ao público alvo é condição essencial para uma boa argumentação, segundo ABREU (2001). Através desta adequação se estabelece um contato positivo, o que resulta em sucesso.

Dessa forma, sendo o público-alvo pretendido, os estudantes do ensino médio, a linguagem usada foi comum, tomando precauções no sentido de esclarecer palavras menos conhecidas, utilizadas somente quando não foi possível omiti-las sem prejuízo no entendimento do texto. Exemplos com base na realidade próxima constituíram recurso precioso, pois se pretendeu que a leitura acrescentasse informações e amplie o conhecimento anterior do tema.

O livro foi dividido em três partes: O mar, o amor, o caçara. Elas foram a segmentação do título (Mar, o amor do caçara), e têm representações distintas dele. Isso quer dizer que as partes não foram literalmente representadas, mas sim figurativamente. Dessa forma, “O mar” retratou o ambiente que cerca o caçara, a cidade que vive; “O amor” tratou das atividades exercidas, relacionadas ao mar e “O caçara” ilustrou o cotidiano dos pescadores e maricultores. “O amor” é o centro do projeto enquanto “O mar” e “O caçara” serviram de moldura, contextualização, localização espaço-temporal.

A narração foi feita em primeira pessoa, por personagens onipresentes e oniscientes. A primeira parte foi apresentada pelo mirante do alto da serra, na Rodovia dos Tamoios, que liga São José dos Campos a Caraguatatuba. A segunda, por um pescador forjado em aço, fixado na Praia do Camaroeiro. Por último, a narração de um pescador / maricultor que não existe de fato, foi uma colagem de todos os observados ao longo do desenvolvimento deste projeto.

O livro foi impresso em formato A5 (148 X 210 mm), com margens de 1,5 cm (superior, inferior, direita e esquerda). A impressão, digital, foi feita pela Gráfica Allcor, de São José dos Campos.

As fontes utilizadas foram Franklin Gothic Medium Condensed, corpo 10, para o texto e Forte, corpo 50, para o título e corpo 12 para o cabeçalho, este diferente em páginas pares e ímpares, de maneira a formar o título do livro, quando aberto, a saber: páginas pares: Mar (disposto no canto superior direito) e páginas ímpares: o amor do caçara (disposto no canto superior esquerdo). Os subtítulos de cada capítulo são seguidos de selo específico: Capítulo “Mar”: desenho estilizado de estrela-do-mar; Capítulo “Amor”: peixe estilizado e Capítulo “Caçara”: canoa desenhada.

As fotos foram dimensionadas, legendadas e dispostas ao longo do livro de acordo com sua importância.



Figura 1 – Imagem de uma página do livro já diagramado.

## Discussão

A linhagem caçara, filhos que seguem a profissão dos pais, o processo de aprendizado, as alternativas profissionais e a motivação em manter tradições caçaras. O que desperta (ou não) a consciência ambiental e o comportamento deste pescador com relação ao meio de onde extrai seu sustento? Como o caçara assimila a necessidade de preservar hoje, para continuar tendo amanhã?

## Conclusão

A observação do caiçara de Caraguatatuba, inserido em sua comunidade, desenvolvendo as atividades pesqueiras, sua relação com o meio ambiente e sua situação econômico-social atesta que a maricultura é alternativa à pesca artesanal na cidade. Com a possibilidade de incrementar a renda familiar, sem perda da sua identidade e desenvolvendo uma atividade sustentável, a atividade oferece ao pescador oportunidade de crescimento profissional e perspectiva de segurança.

O desenvolvimento da maricultura, se ordenado, trará mais benefícios que simplesmente o financeiro imediato para o pescador artesanal. Abre muitas opções de profissionalização para seus descendentes, nas áreas de Biologia Marinha, Administração de Empresas, Contabilidade, para citar as que requerem formação acadêmica. Manutenção, distribuição, comercialização e várias outras necessidades terão que ser supridas, gerando emprego, renda, dignidade.

Para a cidade, o aumento da oferta de produtos cultivados se refletirá na diversificação dos cardápios oferecidos em seus restaurantes e quiosques, atraindo mais turistas, firmando o município no circuito litorâneo. O Poder Público Municipal tem papel de grande responsabilidade na maricultura, dele se esperando que leve a termo o projeto dos recifes artificiais, para que o quadro aqui descrito possa ser viabilizado. As parcerias com o comércio local também devem ser pensadas.

A criação de projetos educacionais voltados à comunidade pesqueira pode ser uma solução para o problema da redução dos estoques pesqueiros, com conscientização sobre o manejo sustentável da pesca artesanal e do meio que cerca o pescador, já que ações irrefletidas sobre ele acarretam danos ao ecossistema pesqueiro.

Apesar de todas as limitações, impostas pelo crescimento dos centros urbanos, o pescador ainda preserva a alma caiçara, especialmente em Caraguatatuba, onde foi desenvolvido este projeto. Alguns deles jamais pensaram que um dia poderiam vir a plantar no ambiente marinho, colher produtos por ele mesmo cultivados, mas já vêm com alegria, simpatia e esperança a nova forma de continuar vivendo do que lhes oferece o mar, o amor do caiçara.

### **Referências**

ADAMS, Cristina. Caiçaras na mata atlântica: pesquisa científica versus planejamento e gestão ambiental. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2000.  
BATALHA, Mário Otávio (Org.). A maricultura no estado de São Paulo. São Paulo: SEBRA: GEPAL: GEBQUÍ, 2002.

ESPÍNOLA, Octávio. O mexilhão como matéria-prima alimentar. Revista ABIA/SAPRO nº 47: Abril, 1990.

ALVES, José Luiz. Mexilhões: Conheça mais sobre esse molusco. Caraguatatuba: Gráfica Costa Norte, 2005.

GIL, Antonio Carlos. Pesquisa Social

LIMA, Edvaldo Pereira. Páginas ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo: Manole, 2004.

SQUARIS, Dad; SALVADOR Arlete. A arte de escrever bem: Um guia para jornalistas e profissionais do texto. São Paulo: Contexto, 2005.

ABREU, Antônio Suárez. A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção. São Paulo: Ateliê, 2001.